

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): NADSON HENRIQUE GONÇALVES RODRIGUES

O HANDEBOL COMPETITIVO: PROFISSIONAL OU LAZER SÉRIO?

Introdução

O handebol é um esporte coletivo que mais cresce no país com 201.648 praticantes regulares, sendo o esporte coletivo mais praticado entre as mulheres e os homens, superado apenas pelo futebol com sete milhões de praticantes regulares (TEIXEIRA; HUDSON, 2005). No jogo de handebol confrontam-se duas equipes que devem estar devidamente uniformizadas com a numeração visível, o uniforme dos goleiros iguais, porém diferente dos outros jogadores que não sejam de sua equipe e goleiros. Cada equipe é composta por 12 atletas sendo que são seis titulares na linha e um no gol, os demais sendo reserva (SILVA, 1983).

Este esporte tem, inequivocamente, pessoas que se interessam pelo seu desenvolvimento e que se envolvem em projetos de equipes para disputas em diversos níveis. No Brasil, há várias competições de handebol¹, elas têm conotações escolares e profissionais. Esses eventos esportivos movimentam milhares de pessoas, entre atletas, técnicos e professores de Educação Física. Apesar de todo aparato para que as competições aconteçam, não se nota no país uma conjuntura favorável ao handebol, pois as competições, aparentemente, não alçam os alunos e/ou atletas à esferas superiores da modalidade. Ou seja, com o passar do tempo, poucas são as pessoas que continuam no universo do handebol.

Nota-se na cidade de Montes Claros, um ambiente esportivo historicamente afeito ao handebol. Já houve e ainda há equipes constantes de handebol em nível escolar e adulto que participam de diversas competições. Neste cenário, em março de 2015 foi idealizada e projetada uma equipe de handebol feminino com o intuito de disputar competições em nível nacional. Esta equipe tem metodologia de existência profissional, treina com regularidade quatro vezes por semana, duas horas e meia de atividades, seguindo uma rotina de trabalho permanente.

Observando a dinâmica de funcionamento da equipe, podemos afirmar que é formada atualmente por atletas “semiprofissionais”. Constatamos este semiprofissionalismo na dinâmica de participação das atletas, pois, além de atuar pelo time do **Montes Claros Handebol**, elas se dividem entre estudos e trabalhos formais. A equipe hoje é formada basicamente por universitárias, graduadas que já estão no mercado de trabalho, recém-formadas do ensino médio e trabalhadoras de ocupações diversas.

Notamos que as atletas envolvidas na equipe do **Montes Claros Handebol** não são profissionais, pois não “vivem” do retorno financeiro do time. Algumas recebem ajuda de custo (principalmente para locomoção, alimentação e moradia), outras têm bolsas de estudo. Enfim, apesar de todo esforço dispensado aos treinamentos e competições, a maioria das atletas da equipe têm outros afazeres para o seu sustento.

A partir dessa estrutura de envolvimento com a modalidade e com a equipe, como poderia ser categorizado o handebol para estas pessoas/atletas? Se não são profissionais, mas têm obrigações com treinos e competições, é possível afirmar a ocorrência de um estado de lazer? A busca por este perfil de convivência entre o trabalho (treinar e jogar handebol, mesmo que não obrigatoriamente) e a estrita existência ou não de lazer no ato é que nos instiga investigar a rotina destas pessoas.

¹ Entres as principais competições de handebol em nível nacional, existem: Campeonato Brasileiro de Handebol, Copa do Brasil, Jogos Brasileiros da Juventude, entre outros.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Material e métodos

Este trabalho trata-se de um estudo quali-quantitativo. A população deste estudo foi composta por atletas componentes da equipe de handebol feminino da Prefeitura Municipal de Montes Claros, perfazendo um total de 16 sujeitos entrevistados.

Resultados e discussão

A equipe de handebol de Montes Claros, no período da pesquisa, tinha média de idade de 17 anos, compondo assim, um grupo de atletas na transição de adolescência para fase adulta. Em relação a este momento da vida, é possível defini-lo como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial da Saúde (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Formigli, Costa & Porto, 2000, citado por).

Em outro quesito, notamos que, ser integrante desta equipe, para as atletas, significa muito, algo grande. Identificamos tal sentimento, por ser uma modalidade que todas gostam e buscam objetivos através dele, e, além disso, para muitas, o projeto em que atuam tem grandes promessas para subirem de categorias e até mesmo buscar vagas em times maiores. No grupo pesquisado, notamos que jogar pela equipe não é somente ter responsabilidades e serem pressionadas. Para além do esporte competitivo, em meio a todas essas formalidades, fazer parte da equipe, além de contribuir para uma vida mais saudável, tendo a atividade física, é de grande importância para se desenvolver como pessoa. Tal característica pode ser notada numa das falas de uma atleta: “Significa um constante aprendizado, e uma maneira de aprender com o próximo assim como ensinar algo”.

Por fim, provavelmente causado pelas regras adotadas pela direção da equipe, as atletas provenientes de outras cidades alegaram haver dificuldade em relação à interação social fora das quadras, pois, a rotina que cumprem se limita aos estudos obrigatórios e ao rendimento esportivo, restringindo os lazeres sociais.

Conclusão

Ao analisar os resultados através do estudo de Robert A. Stebbins, conclui-se que, apesar das atletas terem um alto comprometimento da sua parte, uma grande entrega e carga-horário intensa a sua equipe através do meio competitivo. Foi considerado o estudo como lazer serio e não profissional, pois a equipe amadora do handball feminino de Montes Claros, além de não viverem ainda exclusivamente da modalidade, e serem novas em grandes disputas caracterizou-se por parte delas mais fortemente o prazer ao esporte, união a uma grande equipe, conhecendo novas pessoas e lugares vinculados a modalidade, o que caracteriza como pontos de interesse do lazer, por serem jovens atletas na construção de grandes sonhos para chegar gradativamente ao nível profissional.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Referências bibliográficas

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura Popular. São Paulo, Perspectiva, 1976.

_____. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo: SESC, 1980.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Letterarum, 2010.

ISAYAM, Helder Ferreira; SILVA, Adriano Gonçalves da; LACERDA, Leonardo Lincoln Leite de. Por onde caminham as pesquisas sobre formação profissional em lazer no Brasil? In: ISAYAMA, Helder Ferreira; SILVA, Silvío Ricardo da. Estudos do Lazer: um panorama (orgs.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

LEMO, F. R. M. Mincurso: interesse virtual do lazer. Disponível em: < <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2012/lemossilva2012.pdf> >. Acesso em 09 out. 2015.

LOPES, M. S. Lazer/ócio, teatro e animação sociocultural. Licere. Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 1-17, abr. 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do lazer: uma introdução. 4ª ed. Campinas-SP: Autores Associados. 2006. 99p.

_____. Lazer e educação. 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. Serious Leisure. Porto Alegre. Movimento. v. 18, n. 01, p. 325-338, jan/mar de 2012.